

## Hipertexto e suporte digital: novas formas de leitura

*Hipertext and digital suport: new ways of reading*

Daniele Nunes Rodrigues<sup>1</sup> , Paulo Fachin<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Brasil, Mestranda em Letras (Unioeste), e-mail: dani.nunes@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Brasil, Pós-Doutorado em Estudos da Linguagem (UEPG) e Doutorado em Letras (Unioeste). Professor do curso de Letras Portugêses/Espanhol do Centro Universitário Assis Gurgacz e do Programa de Pós-graduação em Letras, nível de Mestrado e Doutorado (Unioeste)., e-mail: paulo.fachin@hotmail.com

### RESUMO

O crescente uso das mídias digitais no nosso cotidiano possibilitou mostrar como a manifestação da linguagem está se modificando. Por isso, este trabalho buscou discutir como os novos suportes ligados as tecnologias digitais estão modificando a prática da leitura, focando no que é o objeto dessa pesquisa: O hipertexto. Com uma estrutura que possibilita uma maior interação (leitor-autor-texto) e que o leitor seja mais ativo na sua leitura, o hipertexto proporciona um vislumbre de como os novos textos diferenciam-se dos textos impressos. Como fundamentação teórica, recorremos a concepção de gênero postulada por Bakhtin (2003), as reflexões sobre suporte de Marcuschi (2003) e Araujo (2006), e as concepções de hipertexto a partir de Koch (2007) e Coscarelli (2005) e a análise de um enunciado, uma postagem de blog que com suas características e elementos o tornam um hipertexto. Neste artigo constatamos a diferenciação do suporte impresso/offline e online e como isso influencia na caracterização do gênero/enunciado. Assim como o hipertexto e suas características possibilitam uma nova forma de leitura, de maneira mais ativa e interativa.

Palavras-chave: Hipertexto. Gênero digital. Suporte digital.

### ABSTRACT

The growing use of digital media in our daily lives has made it possible to show how the manifestation of language is changing. Therefore, this work sought to discuss how the new supports linked to digital technologies are modifying the practice of reading, focusing on what the object of this research is: The hypertext. With a structure that allows a greater interaction (reader-author-text) and the reader can be more active in their reading, hypertext provides a glimpse of how new texts differ from printed texts. As a theoretical foundation, we resort to the concept of genre postulated by Bakhtin (2003), the reflections on support from Marcuschi (2003) and Araujo (2006), and the concepts of hypertext from Koch (2007) and Coscarelli (2005) and the analysis of a statement, a blog post that with its features and elements make it a hypertext. In this article, we can see the difference between printed/offline and online support and how this influences the characterization of the genre/utterance. As well as hypertext and its characteristics enable a new way of reading, in a more active and interactive way.

Keywords: Hypertext, digital genre, digital support.

## **1 INTRODUÇÃO**

O ensino de Língua Portuguesa a partir da concepção do uso da linguagem como prática de interação é uma perspectiva que vem se desenvolvendo desde a década de 1980, com a virada pragmática, quando se passou a discutir “uma nova compreensão de dimensão da linguagem, qual seja, a dimensão pragmática que busca estudar a linguagem cotidiana em ação, e não apenas a linguagem ideal e sua estrutura lógica” (NIGRO, 2009, p.180). As práticas tradicionais de ensino foram repensadas e essas mudanças culminou na publicação do documento educacional que foi referência para o ensino por diversos anos, os Parâmetros Curriculares Nacionais, ou PCNs (BRASIL, 1998).

Os PCNs tratam do ensino de Língua Portuguesa a partir do uso social da língua, propondo o uso dos gêneros na prática de ensino. Com o avanço das tecnologias, novos gêneros (ou antigos gêneros que foram modificados) foram agregados ao repertório de estudo e, ainda, precisam ser mais explorados no meio científico, mesmo que estejam diretamente ligados à forma como o homem se comunica hoje, principalmente, pelo crescente número de horas conectados às plataformas digitais.

Essas mudanças ocorrem não apenas na estrutura do próprio gênero, mas também na materialização dos textos, ou seja, no suporte desses gêneros. A comunicação ocorre de forma interativa e rápida, e os diversos novos gêneros foram criados para suprir a necessidade dessa interação, ocorrendo uma diferenciação na forma como esses gêneros se materializam nas mídias digitais. Por isso, a ideia de suporte digital vem ganhando força entre os estudiosos e pesquisadores.

Pensando nisso, esta pesquisa de ordem qualitativa-interpretativista tem como objetivo refletir sobre os conceitos de suporte e suporte digital, assim como uma tipologia específica de texto que circula no meio digital: o hipertexto, fazendo análise de um enunciado comum na Internet, postagem de blog, que suas características multimodais e elementos foram um hipertexto.

Para isso, organizamos o trabalho em seções. Inicialmente, apresentam-se a estrutura deste trabalho. Na segunda parte, apresentamos a fundamentação teórica, a partir da noção de gênero discursivo, baseado em Bakhtin (2003), assim como noções de suporte a partir de Travaglia (2007) e Marcuschi (2003). Nesta parte, também apresentamos conceitos ligados ao suporte digital, embaçado em Levy (1993), assim como autores mais contemporâneos como

Castela (2009). Também fizemos um breve estudo sobre ‘hipertexto’, refletindo sobre alguns pressupostos teóricos a partir de Koch (2007) e Coscarelli (2005). Na terceira seção, apresentamos e explicamos alguns procedimentos metodológicos. Na quarta seção, fizemos a análise de um recorte de um hipertexto, a fim de exemplificar as características observadas na seção da fundamentação teórica. Por fim, na quinta parte, são trazidas as considerações finais e recomendações para futuras pesquisas nesta área de estudos.

## **2 REFERÊNCIAL TEÓRICO**

### **2.1 GÊNERO E SUPORTE**

Produzimos enunciados no uso da linguagem, e isso acontece de forma diversa, de acordo com cada esfera social <sup>1</sup>em que estamos inseridos, e que, conseqüentemente “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Essas esferas/campos de utilização da língua (familiar, científico, literário, e etc.) são os locais ou instâncias em que se organizam, são produzidos e circulam os textos/enunciados representados a partir de gêneros discursivos (ROJO, 2012).

Os enunciados são produzidos a partir da necessidade do locutor e cada uma dessas esferas que, segundo Bakhtin (2003), possui gêneros próprios, isto é, “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 262), os quais organizam os discursos, estabelecendo a interação entre os sujeitos e que são encontrados nas “múltiplas situações de interação social engendradas às diversas esferas socioideológicas da atividade humana: a abordagem dialógica” (ACOSTA PEREIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 246).

Bakhtin (2003) afirma que são nesses campos/esferas da atividade humana que as pessoas convivem e se aproximam, principalmente, pelo trabalho que desenvolvem, conseqüentemente, produzindo discursos para se comunicar. Nessa convivência, produzem linguagem que se materializa em enunciados que, por sua vez, organizam-se no que o autor denomina por ‘gêneros do discurso’. O autor nos explica que,

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em

---

<sup>1</sup> Bakhtin (2016) utiliza os termos esfera e campo da atividade humana como sinônimos, então utilizaremos ambos no decorrer do trabalho.

cada campo dessa atividade humana vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade (BAKHTIN, 2016, p. 12).

Dessa forma, entendemos que o discurso, que é sempre atravessado por uma ideologia e ancorado em um espaço-tempo, materializa-se no enunciado, e que, dependendo dos espaços em que circulou e foi produzido, pertence a um determinado gênero discursivo, conseqüentemente, faz parte de um dado campo de atividade humana.

O gênero discursivo, segundo Marcuschi (2003), materializa-se no texto a partir do suporte, sendo na forma física ou virtual e com formato específico. Assim, entende-se a grande ligação entre o gênero e o suporte, pois é nele que o texto se apresenta ao leitor. Araujo (2006) complementa que o suporte “diz respeito a algo que porta o texto. São exemplos de suporte o livro, a faixa, a revista, o jornal, o painel, a tela do computador, enfim, espaços-objetos em que os textos ganham materialidade física” (ARAUJO, 2006, p. 36).

Araujo (2006) reitera que a ligação do gênero e suporte é de tal forma que a alteração de suporte pode acarretar a descaracterização do gênero, e ainda implicar “não somente o desvio de seu propósito, no sentido básico, mas chegando mesmo a afetar os valores que o caracterizam como tal” (ARAUJO, 2006, p. 41).

Marcuschi (2003) afirma que o suporte serve para fixar e mostrar o texto e não para veiculá-lo ou transportá-lo, tendo assim a distinção (grosseira) de suporte e serviço/canal/meio e etc. “O suporte firma ou apresenta o texto para que se torne acessível de um certo modo. O suporte não deve ser confundido com o contexto nem com a situação, nem com o canal em si nem com a natureza do serviço prestado” (MARSCUSCHI, 2003, p. 13). Para o autor, serviço é um aparato que possibilita consumo e circulação do gênero em algum suporte, como por exemplo, a Internet, sendo um serviço, pois possibilita que os textos dos gêneros circulem em determinadas *homepages* (suporte) (MARSCUSCHI, 2003).

Muitos gêneros só existem em suportes específicos, o gênero *e-mail* por exemplo, só é possível a partir de uma plataforma, ou o que chamamos de ‘provedor de *e-mail*’, salientando aqui a diferenciação entre o gênero *e-mail* e o serviço de *e-mail* que possibilita o envio dos textos/*e-mail*; ou o gênero filme que só se materializa em uma tela, sendo aquela de cinema, televisão ou o mais comum atualmente, as pequenas telas dos celulares (TRAVAGLIA, 2007).

Marcuschi (2003) classifica os suportes de duas formas: o convencional e o incidental. O primeiro relacionado àquele suporte que foi elaborado com intuito de portar textos, tendo

como exemplo o livro ou uma revista. O livro pode ser suporte de diversos gêneros, como romance e poema, sendo feito especificamente para portar textos. Já os suportes incidentais, suportam os textos de forma ocasionais, eles não possuem exclusivamente o papel de portar textos, como roupa, parede, parada de ônibus e etc.

Bonini (2003) também interpreta suporte como um portador de textos, os definindo como “dispositivos mediante os gêneros circulam” (BONINI, 2003, p. 79), mas que os classifica em suportes físicos e suportes convencionados, sendo o primeiro, como explicita o nome, relaciona-se ao meio físico que veicula o gênero como papel, livro e até a Internet. Com relação aos suportes convencionados, Bonini (2005) nos explica que é quando um gênero é convencionado a ser suporte de outro gênero. “O jornal, neste sentido, é um típico exemplar desse suporte convencionado que eu tenho denominado de hipergênero, uma vez que é o gênero constituído de outros gêneros” (BONINI, 2005, p. 65).

Identificar o suporte, por outro lado, exige um certo ‘cuidado’ como discute Marcuschi (2003). Há muita confusão na diferenciação do que é suporte e o que é gênero. Um livro, por exemplo, é um suporte para um romance, poemas e etc. A revista é um suporte para reportagens, receitas entre outros gêneros (ARAUJO, 2006). Um jornal, segundo Marcuschi (2003), é um suporte para notícias, receitas, horóscopo e etc. Porém, Bonini (2005) entende que o jornal é um gênero que hospeda outros gêneros.

## 2.2 SUPORTE DIGITAL

Mesmo com as novas práticas relacionadas as mídias digitais, englobam novos gêneros, mas que não apaga ou substitui aqueles gêneros já existentes, mas, como já afirmava Bakhtin (2008), os novos complementam ao antigos, ampliando a esfera dos gêneros que já são conhecidos.

Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível [...] ao mesmo tempo, porém, cada novo gênero essencial e importante, uma vez surgido, influencia todo o círculo de gêneros velhos: o novo gênero torna os velhos, por assim dizer, mais conscientes, fá-los melhor conscientizar os seus recursos e limitações, ou seja, superar a sua ingenuidade (BAKHTIN, 2008, p. 340).

Com o surgimento de novos gêneros e, conseqüentemente, uma mudança no comportamento comunicativo (MARCUSCHI, 2005) novos suportes foram necessários (ou adaptados), pois, como afirmam Gonçalves e Rosa (2019), “a emergência dos meios audiovisuais e o grande desenvolvimento da informática mudaram a natureza dos textos e, por isso, também os modos de produção e recepção textuais” (GONÇALVES; ROSA, 2019, p. 573). Um elemento de grande importância nas mídias digitais é o *hiperlink*, ou *link*, que são referências computadorizadas, esses links remetem a outros textos, apontando para outro lugar concreto (outra página, na maioria das vezes) ao alcance de um clique, possibilitando que o leitor tenha acesso a um mesmo tópico, complementando, reafirmando ou até contradizendo o texto que estava lendo (KOCH, 2007). Com o *hiperlink*, a leitura de ser apenas linear, tornando-se um conjunto de nós que possuem informações interligadas (LÉVY, 1993).

Devido a essas mudanças e como a cultura digital ainda é algo recente, a ideia de suporte digital (ou virtual) ainda está em construção. Souza (2018), por exemplo, acredita que os softwares<sup>2</sup> sejam os suportes para os textos digitais, pois é a partir deles que “vemos na tela de um computador, inferimos também que muito do que o usuário da língua faz com um gênero digital, é tributado do software (SOUZA, 2018, p. 02).

Freitas e Barth (2005), por outro lado, tratam as plataformas que hospedam o texto como suporte, no caso estudado pelos autores a rede social *Twitter*<sup>3</sup>. Segundo os estudiosos, é apenas no suporte virtual *Twitter* que o gênero *tweet*<sup>4</sup> se materializa (FREITAS; BARTH, 2005). Claro que textos do gênero *tweet* podem circular em outras redes sociais, mas ele ainda será diretamente ligado ao suporte de origem, o *Twitter*. Outros gêneros, por outro lado, materializam-se em diferentes suportes, como o meme da Internet<sup>5</sup> por exemplo, que pode ser produzido em diversas plataformas/suportes e, ainda, mantém a estrutura básica do gênero.

---

<sup>2</sup> Souza (2020) define *software* como “o fenômeno que permite a manifestação da linguagem no digital. E a linguagem é meio pelo qual a memória-acontecimento existe, é o que lhe serve de tessitura” (SOUZA, 2020, p. 158).

<sup>3</sup> *Twitter* é uma rede social que “cada usuário pode fazer uso de apenas cento e quarenta caracteres (tamanho médio de uma mensagem de celular) para expressar opiniões, interagir com outros usuários, comentar uma notícia ou expressar o que quiser” (FREITAS; BARTH, 2005, p.8-9).

<sup>4</sup> Gênero produzido na plataforma *Twitter*, que por serem curtos, tem como objetivo a interação de forma direta e rápida (AZEVEDO; PEREIRA; AYRES, 2021)

<sup>5</sup> Memes são “ideias e comportamentos que um indivíduo aprende com o outro através da imitação” (FENNA, 2019, p.25). A autora diferencia o gênero ‘meme’ do ‘meme da Internet’, exatamente pela evolução que ocorreu com o gênero em sua circulação no meio digital (FENNA, 2019).

Dessa forma, é possível visualizar a diferença do suporte impresso (não digital) e digital, pois, segundo Gonçalves e Rosa (2019), “enquanto em suporte impresso, o texto e a sua organização são estáticos, pois a sua leitura e apreensão global não dependem de ações do leitor, em suporte digital, o texto é dinâmico, pois o acesso à sua globalidade depende da ação do leitor” (GONÇALVES, ROSA, 2019, p. 584).

É preciso levar em consideração, entretanto, que o autor não pode prever quais caminhos o leitor vai percorrer, assim como o leitor precisa de um maior conhecimento prévio para se aventurar nos caminhos desses novos textos, afinal “a leitura do hipertexto requer maior esforço cognitivo do leitor para relacionar muitos textos acessados” (CASTELA, 2009).

Assim, fica claro que o suporte digital transforma o leitor em uma figura mais ativa, principalmente, ao se levar em consideração que a interatividade do leitor-texto é característica fundante dos textos do suporte digital. Porém, para que o leitor consiga usufruir da experiência de leitura desses novos gêneros, é preciso que ele esteja familiarizado com o uso dessas ferramentas que esses textos digitais proporcionam, e a tendência é que novos hábitos de leitura e escrita sejam incorporados a cada nova geração que está em contato direto com essas novas tecnologias (CASTELA e MENEZES, 2004).

Dessa forma, “o leitor se adapta ao novo suporte, ao novo objeto de ler, e o novo objeto será refinado e projetado de acordo com as demandas do leitor, fundamentadas no uso” (RIBEIRO, 2005, p. 130). Assim, as escolas precisam se ajustar a essas novas demandas de ‘novos leitores’ e ‘novos textos’.

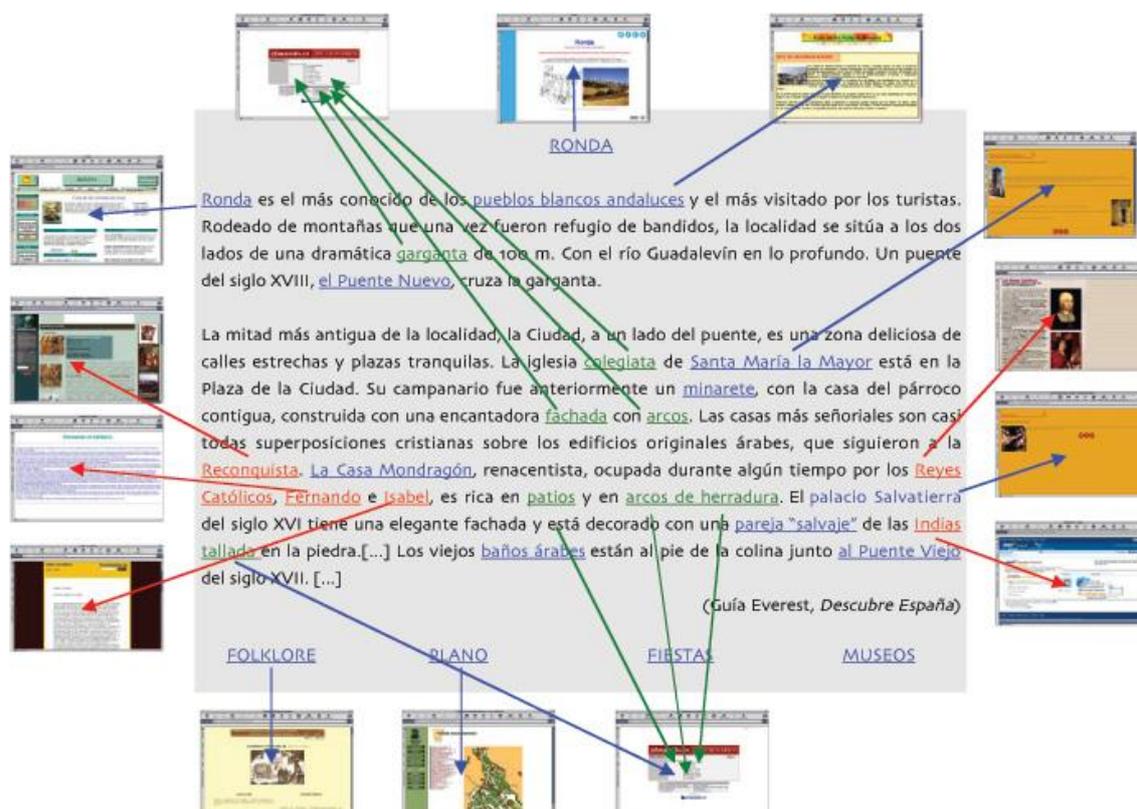
### 2.3 HIPERTEXTO

Com o avanço da era digital (LEVY, 1999) ocorreu modificação dos enunciados já que eles agora também são elaborados e transmitidos a partir das mídias digitais. Várias modalidades em um único texto, assim como a utilização de *hiperlinks* agregados, transformando os enunciados em conjuntos de informações não lineares, o que entendemos como ‘hipertextos’ (figura 1) que,

Consiste numa rede de múltiplos segmentos textuais conectados, mas não necessariamente por ligações lineares. O escritor de um hipertexto produz uma série de previsões para ligações possíveis entre segmentos, que se tornam opções de escolha para os *hipernavegadores* (MARCUSCHI, 2001, p. 83, [grifo do autor]).

Dessa forma, o leitor passou a ter escolhas sobre a leitura, decidindo caminhos a seguir nesta prática, resultando em uma produção de sentido diferente, dependendo de qual sentido percorreu, e esse caminho não sendo semelhante a outros leitores (MARCUSCHI, 2001).

Figura 1 – Representação de um hipertexto



Fonte: Fabico (2012).

A partir da Figura 1, é possível visualizar que mesmo em um enunciado curto, utilizando-se os *hiperlinks*, possibilita ao leitor esses diversos caminhos. Assim como no exemplo anterior, o leitor não precisa necessariamente utilizar desses ‘caminhos’ para fazer a leitura, entretanto, as informações que se apresentam a partir desses *hiperlinks* complementam o sentido do texto exposto. Dessa forma, se este texto fosse impresso (sem agregar os *hiperlinks*) o sentido do leitor seria limitado. No hipertexto, o leitor é convidado a caminhar de um nó/*hiperlink* para o outro, seguir atalhos e criar novos para enfim criar sentido (BERK; DEVLIN, 1991).

Esses nós, como afirma Levy (1993),

Podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria deles, estende suas conexões em estrela, de modo reticular (LEVY, 1993, p. 33).

Cabe ao autor escolher com cautela os *hiperlinks* agregados ao seu texto, pois eles garantirão, ao leitor, a “fluência de leitura e o encaminhamento da compreensão sem excessivas interrupções ou rupturas cognitivas” (KOCH, 2007, p. 27), para que o leitor seja capaz de “construir uma progressão textual dotada de sentido” (KOCH, 2007, p. 29).

Nelson (1992), primeiro a conceituar hipertexto, na década de 1960, define-o como um “conceito unificado de ideias e de dados interconectados, de tal modo que estes dados possam ser editados em computador. Desta forma, tratar-se-ia de uma instância que põe em evidência não só um sistema de organização de dados, como também um modo de pensar” (NELSON, 1992). A mente humana é estruturada como uma cadeia de ideias, assemelhando-se a um mapa conceitual ou diagrama, e é nessa mesma estrutura que o hipertexto se baseia, nessa rede de pensamentos com diversas informações e que se somam para formar um sentido (LEVY, 1993).

Então, hipertexto é “um texto que, em vez de se estruturar frase a frase linearmente como em um livro impresso, caracteriza-se por nós ou pontos de intersecção que, ao serem clicados, remetem a conexões não lineares, compondo um percurso de leitura que salta de um ponto a outro de mensagens contidas em documentos distintos, mas interconectados” (SANTAELLA, 2014, p. 212).

Koch (2007) elenca algumas características que definem o hipertexto como não-linearidade, fragmentariedade, multisssemiose, conectividade, virtualidade e interatividade; coincidentemente, esses são os atributos que definem os gêneros digitais, principalmente, a questão da interatividade. Os textos desses novos gêneros têm “como principal característica a interação no meio digital, mediada pelos novos recursos disponíveis na mídia. O uso da rede, por si só, já pede essa especificidade. A Internet é um ambiente colaborativo, de interação” (GREGOL *et al.*, 2019, p. 135).

Tudo isso está relacionado ao aspecto interativo das mídias digitais, espaços virtuais em que os textos circulam. Se a mídia anterior era apenas transmissora de mensagem, as mídias digitais possibilitam que haja essa interação entre o leitor (ou leitores) e autor (ROJO, 2012). Para Rojo (2012), “[...] essa característica interativa fundante da própria concepção da mídia

digital permitiu que, cada vez mais, a usássemos mais do que uma mera interação, para a produção colaborativa” (ROJO, 2012, p. 24).

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), documento que regulamenta e orienta o ensino na Educação Básica no país, evidencia a relevância de levar os novos textos em sala de aula, possibilitando, aos estudantes, a leitura e produção de textos multimodais (BRASIL, 2017). O documento até cita o *hipertexto* no eixo leitura, mostrando que,

As transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, do uso do **hipertexto** e da hipermídia e do surgimento da Web 2.0: novos gêneros do discurso e novas práticas de linguagem próprias da cultura digital, transmutação ou reelaboração dos gêneros em função das transformações pelas quais passam o texto (BRASIL, 2017, p. 72 [grifo nosso]).

Como consta na BNCC (2017), essas transformações nas mídias digitais ocorrem a partir da Web 2.0, que é um termo utilizado para designar a segunda geração de dispositivos e serviços oferecidos na Internet, não se referindo as informações técnicas, mas a forma como o ambiente digital se modificou, sendo algo interativo e participativo (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016). Dessa forma, recordando que ‘interatividade’ é uma das características do *hipertexto* citado por Koch (2017), essa prática está diretamente ligada a forma como esses novos textos se apresentam nas mídias digitais.

O leitor é convidado a interagir com os textos de forma ativa, comunicando-se ativamente com o autor e outros leitores. Textos digitais são muito utilizados nas redes sociais, ambientes em que a interação acontece a partir de comentários e caixas de textos específicas e, dessa forma, é criada uma comunidade de discussão em que o leitor ativamente disponibiliza sua opinião e tem contato com outros leitores.

Outra característica relevante do hipertexto é sua multimodalidade<sup>6</sup>. Segundo Dias *et al.* (2021), “a multissemiose atribui ao hipertexto a possibilidade de apresentar diferentes aportes tanto sógnicos quanto sensoriais em uma mesma leitura” (DIAS *et al.*, 2021, p. 7). É muito comum os hipertextos mesclarem imagens, sons e vídeos, e a construção de sentido é feita a

---

<sup>6</sup> Um texto multimodal ou multissemiótico é “[...] compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramento) para fazer significado” (ROJO, 2012, p. 19).

partir da combinação de todos essas semioses. Para melhor vislumbrar tudo isso, fizemos uma análise de um recorte de um hipertexto para observar suas características.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Referente ao objetivo desta pesquisa, pode ser descrito como uma investigação exploratória (MOREIRA; CALEFFE, 2008), pois teve o intuito de esclarecer o conceito do hipertexto. Inicialmente, fizemos um estudo teórico, e a posterior análise desse enunciado. Este levantamento teórico teve como enfoque de revisar as teorias dos gêneros discursivos e suporte de Bakhtin (2003), assim como alguns autores contemporâneos como Mascuschi (2001) e Santaella (2014) que tratam do gênero *online*. Após o estudo teórico, foi feito a seleção de um enunciado do gênero ‘postagem de blog’ afim de mostrar as características do hipertexto.

Como técnica de geração de dados foi utilizada o processo de análise documental, que segundo Gil (2008), caracteriza-se pela pesquisa “[...] de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 45). Dessa forma, entende-se que esse tipo de investigação tem, como base de pesquisa, documentos de fonte primária, ou seja, documentos de primeira mão e que “englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir de fonte de informação para a pesquisa científica” (MARKONI; LAKATOS, 2008, p. 43) e, que no caso desta pesquisa, foi um enunciado de *hipertexto*.

Teve uma metodologia qualitativa-descritiva, (MARKONI; LAKATOS, 2011), pois após coleta de dados, foram interpretados e compreendidos. Neste caso, após o estudo do enunciado, ele foi utilizado para descrever o hipertexto. A pesquisa também pode ser definida como interpretativista, definida por Bortoni-Ricardo (2008) como uma investigação que busca refletir sobre fenômenos sociais referentes a um determinado contexto.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste trabalho, fizemos a análise de um recorte de um texto, a fim de observar as características presentes no mesmo e assim confirmá-lo como um hipertexto. A figura 2 mostra

uma resenha, publicada em um blog<sup>7</sup> do livro de Anthony Burgess, *Laranja Mecânica* (BURGESS, 2012). No enunciado é possível verificar algumas características de um hipertexto, como uso de imagens e até mesmo *hiperlinks*, o caracterizando como um texto multissemióticos (ROJO, 2012). A apresentação de uma resenha em postagem de blog é muito variada, e cabe ao leitor observar o que o local de hospedagem do texto permite.

Figura 2 – Postagem no blog ‘Papel e Pergaminho’.



Fonte: Nunes (2016).

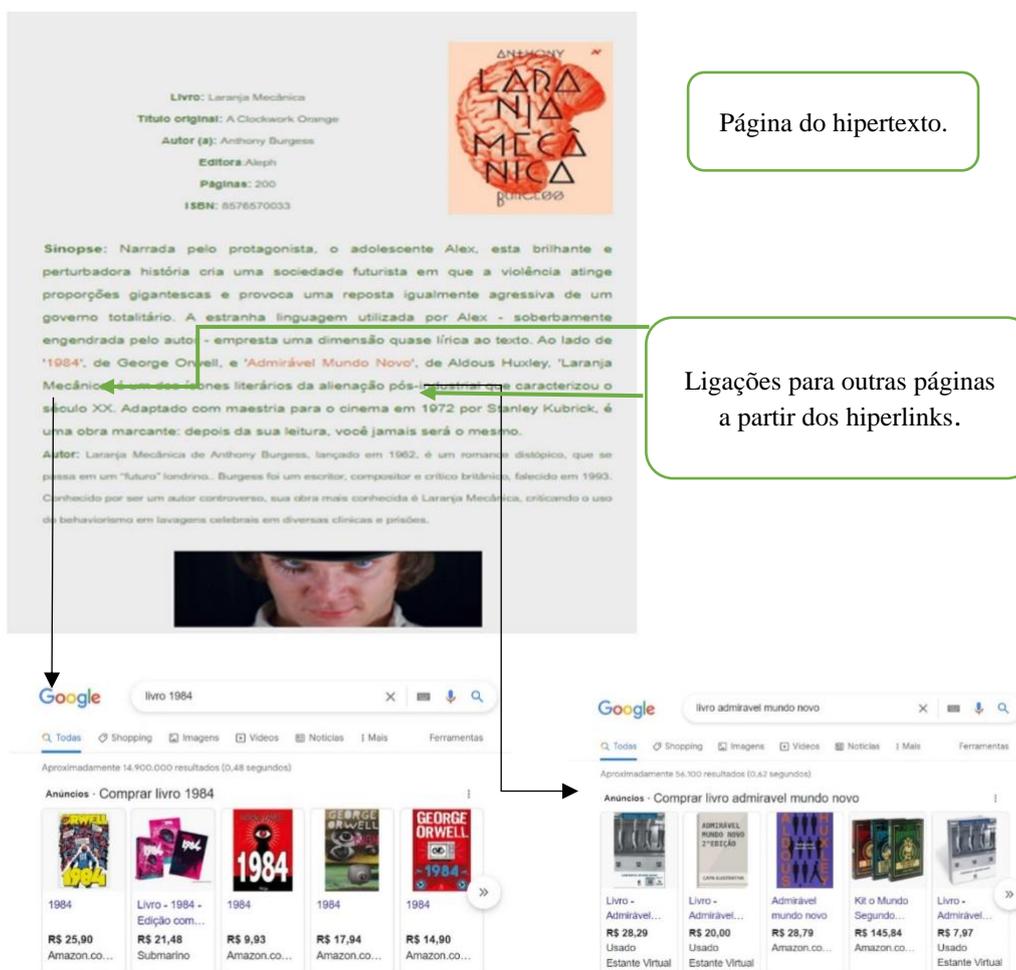
A combinação desses elementos, como destaca Mascuschi, possibilita a criação de diversos caminhos, e que cabe ao leitor escolher para onde seguir, fazendo com que ele tenha uma maior imersão no conteúdo no momento da leitura. Os *hiperlinks*, por exemplo, auxiliam o leitor a vislumbrar pesquisa de obras relacionadas àquela da própria resenha, é uma tática

<sup>7</sup> O blog inicialmente foi criado com intuito de ser um diário virtual, mas hoje é considerado um ambiente onde o usuário tem liberdade para postar diversas coisas como receitas, poemas, resenhas e etc (LORENZI; PÁDUA, 2012).

muito utilizada por autores de resenha digital para que o leitor possa ter acesso a informações que agregaram no entendimento da própria resenha, neste caso os *hiperlinks* levam até a pesquisa no Google para que o leitor possa ter acesso a pesquisa daquelas determinadas obras (figura 3).

Nesse ponto mais duas das características do hipertexto elencados por Koch (2007) podem ser observadas: a não-linearidade e conectividade. A leitura do hipertexto ocorre de forma não-linear, porque diversos caminhos são abertos ao leitor, que se conectam em diversos blocos de conteúdo. Essa conectividade que não se refere necessariamente a ideia de conexão com a Internet, mas também a de se conectar a conteúdos a partir de *hiperlinks*, fazendo assim com que os hipertextos se tornem enunciados complexos.

Figura 3 – Representações dos hiperlinks da postagem



Fonte: Elaborada pela autora a partir de Nunes (2016).

Coscarelli (2005), entretanto, chama atenção ao fato de que mesmo a disposição do leitor, não necessariamente ele utilizará desses *hiperlinks* presentes no texto. “A presença do link não garante que o leitor vai construir ou recuperar a relação entre as partes linkadas, o leitor precisa ser capaz de recuperar essas partes do hipertexto” (COSCARELLI, 2005, p. 121). O leitor geralmente utiliza os *hiperlinks* em momentos específicos, principalmente, quando há a necessidade. Por isso, que o autor, como afirma Koch (2007) precisa ter cuidado ao utilizar essas portas, para não transformar em uma teia infinita de caminhos que não tem fim.

Em uma resenha, por exemplo, o uso acontece quando aparecem nomenclaturas desconhecidas ou que levam a informações essenciais para o entendimento do texto no geral. Na resenha estudada, a autora utilizou de *hiperlinks* para levar o leitor não apenas para obras relacionadas, mas como Burgess (2012), autor da obra fonte da resenha, utilizou em seu texto muitas expressões próprias do universo do romance, dificultando a leitura do romance. a autora da resenha disponibilizou, a partir de um *hiperlink*, um dicionário dessas expressões (figura 4).

Figura 4 – Outro recorte do blog ‘Papel e Pergaminho’



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Nunes (2016) e Dicionário (2011).

A partir deste dicionário, o leitor da resenha terá melhor entendimento do texto lido, assim como maior imersão na obra fonte utilizada para a resenha. Esta ferramenta disponível a partir do *hiperlink*, mostra a interatividade imediata do leitor com referências fora do texto, a intertextualidade, mais uma das características do hipertexto (KOCH, 2007). É necessário ressaltar que o uso de referências fora do texto não é algo exclusivo dos *hiperlinks*, mas essa conexão que acontece de forma imediata, possível ao alcance de um clique, sendo uma facilidade que as mídias digitais conferem aos textos/hipertextos.

Para o entendimento desses novos textos, é preciso de conhecimentos específicos, que Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) chamam de ‘letramentos digitais’. Esses letramentos envolvem, além da aptidão relacionada às diversas linguagens, o conhecimento no manuseio das ferramentas digitais que estão relacionadas ao hipertexto, sendo “[...] habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação social” (DUDENEY; HOCKY; PEGRUM, 2016, p. 17).

Para isso, voltando o olhar para a escola, que é o maior centro de formação, o professor precisa estar ciente que essas novas práticas “não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (BRASIL, 2017, p. 68). Produzir, publicar, remix entre outros, são ações relacionadas ao novo mundo digital que pode ser aprendido e compreendido em sala de aula, mas a escola não deve se limitar ao ensino mecânico dessas novas práticas, mas sim como afirma o própria BNCC (BRASIL, 2017) que,

[...] contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDICs [...] mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos (BRASIL, 2017, p. 68).

Mesmo estando nos documentos que regem a educação, seria utópico dizer que os professores estão familiarizados e preparados para o trabalho com essas novas práticas. A realidade da utilização dessas novas tecnologias já se apresentava há alguns anos, mas mesmo assim continuava sendo ignorada por algumas escolas e professores. Teruya (2006), já em 2006, afirmava que o computador estava deixando de ser um simples instrumento de

memorização, mas sim uma ferramenta educacional e um “instrumento de mediação na construção do conhecimento” (TERUYA, 2006, p.74).

Apesar disso, a utilização dos computadores em sala de aula ainda é limitada, por diversos motivos como falta de estrutura ou até formação dos professores. Os cursos de licenciatura não estão preparando os professores para utilizar esses novos textos e recursos em sala de aula, e o isolamento social por causa da pandemia de COVID-19 (2020-2021) mostrou isso: ainda há muita dificuldade na utilização de aparatos tecnológicos pelos professores, “tanto que as enormes listas de exercícios para que os alunos resolvam sozinhos em casa têm imperado nos processos de ensino aprendizagem” (SANTOS, 2020, p. 45). Desse modo, por mais que as tecnologias já estejam presentes na nossa vida, ainda é preciso repensar como as práticas que envolvem o manuseio dessas mídias digitais refletem no uso da linguagem e da própria educação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, discutimos sobre a questão do suporte digital, o diferenciando da noção de suporte offline, assim como tratamos do hipertexto. Para isso, além de alguns teóricos como Coscarelli (2005) e Koch (2009), também demonstramos essa tipologia textual a partir de uma postagem de um blog, mostrando como o hipertexto pode se apresentar nas plataformas digitais.

A prática do uso das novas tecnologias é algo muito discutido durante a academia, principalmente, no que se refere a como isso tem refletido nas mudanças das práticas relacionadas ao uso da linguagem. Os gêneros discursivos que são organizados em determinadas esferas de atividade humana, espaços em que a linguagem é materializada, estão se atualizando a partir do uso das mídias digitais. Novos gêneros criados e alguns antigos sendo modificados, e dessa forma, a linguagem passa por alterações na sua forma se materializar.

O hipertexto, que se caracteriza por seu formato interativo e multimodal, começa a ser agregado ao nosso cotidiano, principalmente, no uso das redes sociais. A leitura, antes linear, agora possibilita ao leitor diversos caminhos de construção de sentido e, isso, passa a ser cada vez mais ‘natural’ para usuário digital. Usar *links* passou a ser algo comum na Internet e o fazemos de forma intuitiva ao navegarmos pelas diversas páginas *online*. Mesmo assim, ainda é necessário entender como o funcionamento do hipertexto e todo o suporte digital está diretamente ligado ao uso da linguagem e como isso influencia a forma como nos

comunicamos. Assim, a necessidade de se olhar para os gêneros discursivos, tais como o suporte (offline e digital) e o próprio hipertexto como materiais de estudo.

## **REFERÊNCIAS**

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; OLIVEIRA, Amanda Maria. **Análise dialógica do conteúdo temático em gêneros do discurso**. In: Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 9, n. 16, jan./jun. 2020.

ARAÚJO, Júlio. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Wilson (org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016. p. 49-64.

AZEVEDO, Ana Claudia Oliveira; PEREIRA, Marcia Helena de Melo; AYRES, Dayana Junqueira. O Tweet como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter. In: XIII SINEFIL, 79, Rio de Janeiro, 2021. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2021, p. 1132-1140. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/111/128>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003 [1979]. p. 261-306.

BERK, E.; DEVLIN, J. **Hypertext/Hypermedia handbook**. Nova York: Intertext Publications, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental**. [Brasília, DF], 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. [Brasília, DF], 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

BONINI, A. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 65-89, 2003b.

BURGESS, Anthony. **Laranja Mecânica**. São Paulo, SP: Editora Aleph, 2012.

DIAS, Ana Flávia Amaral; PRADO, Anne Carolline Dias Rocha; SANTANA, Elienai Moreira de; NOVAES, Mateus Lima. UM GÊNERO DIGITAL PARA ALÉM DE SUA FUNÇÃO: CONSTRUÇÃO DO MEME COMO HIPERTEXTO. In: III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação. **Anais [...]** UESP,

2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/article/viewFile/10034/9843>. Acesso em: 20 ago. 2022.

DICIONÁRIO Nadsat: Laranja Mecânica. **Fanzine Kaskadura**. Jan. 2011. Disponível em: <http://kaskadura.blogspot.com/2011/01/dicionario-nadsat-laranja-mecanica.html>. Acesso em: 03 set. 2022.

DUDENEY, Gavin, HOCKLY, Nicky, PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2016.

FENNA, Jakeline de Melo. **A compreensão do meme de internet como manifestação verbal e sua possível caracterização enquanto gênero textual**. 2019. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FREITAS, Ernani César; BARTH, Pedro Afonso. Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros no Twitter. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 9, n. 12, p. 8-26, Vitória, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/8888>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GREGOL, Fernando Arthur; NUNES, Daniele Rodrigues; PRADELLA, Bruna Shirley Gobi; PEREIRA, Rodrigo Acosta. Abordagens dos multiletramento e dos gêneros do discurso multimodais na BNCC. *In*: COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; KRAEMER, Márcia Adriana Dias (org.). **Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular: Compreensões subjacentes**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

GONÇALVES, Matilde; ROSA, Ruth. O suporte digital na leitura e compreensão textual. *In*: FERREIRA, António Manuel; MORAIS, Carlos; BRASETE, Maria Fernanda; COIMBRA, Rosa Lídia (org.). **Pelos Mares da Língua Portuguesa 4**. Aveiro, Portugal: UA Editora, 2018. p.571-587. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/96450/1/Matilde\\_Gon\\_alves\\_O\\_suporte\\_digital\\_na\\_leitura.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/96450/1/Matilde_Gon_alves_O_suporte_digital_na_leitura.pdf). Acesso em: 20 ago. 2022.

KOCH, I. G. V. Hipertexto e construção do sentido. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 51, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425>. Acesso em: 25 ago. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 34. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Pesquisa Bibliográfica. *In*: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p.43-51.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *In*: **Linguagem & Ensino**, vol. 4, nº. 1, 2011, p. 79-111.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Classificação da pesquisa. *In: MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 69-94.

NELSON, T. H. *Opening hypertext: a memoir*. *In: TUMAN, M. C. (Ed.). Literacyonline*. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 1992. p.43-57.

NUNES, Daniele Rodrigues Nunes. Livro 6: Laranja Mecânica. **Papel e pergaminho**, *blog*, 2016. Disponível em <https://papelepergaminho.blogspot.com/2016/10/livro-6-laranja-mecanica.html> Acesso em: 25 ago. 2022.

NIGRO, Rachel. A virada linguístico-pragmática e o pós-positivismo. **Direito, Estado e Sociedade**, n.34 p. 170 a 211, jan/jun 2009. Disponível em: <https://revistades.jur.puc-rio.br/index.php/revistades/article/view/231>. Acesso em: 14 out. 2022.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. *In: MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane (org.). Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

ROJO, Roxane. Letramento(s): Práticas de letramentos em diferentes contextos. *In: ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 95-121.

SOUZA, Aguinaldo Gomes de. A Questão das Interações em Ambientes Digitais. *In: XV Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e XII Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. Anais [...] UFMG*, 2018. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_linguagem\\_tecnologia/article/view/15003/1125612166](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/15003/1125612166). Acesso em: 15 ago. 2022.

SOUZA, Aguinaldo Gomes de. **A memória-acontecimento nas materialidades digitais: uma abordagem onto-fenomenológica-discursiva**. 2020. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação**. Maringá, PR: Eduem, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies**. Alfa: Revista de Lingüística, v. 51, p. 39-79, 2007.